

## DESPERTAR – A FORÇA DA CRIAÇÃO

Diogo Sanqueta

Mestrando PPGAC - UFU

Ana Elvira Wuo

Orientadora - Docente - UFU

**RESUMO:** O presente artigo propõe discutir a prática como método de pesquisa, resultando em um vídeo performance. A prática e experiência com a dança/performance *butoh*, busca na relação corpo – natureza, novas corporeidades, tensões, intenções, poéticas e estéticas diferentes das resultantes dos espaços fechados. A experiência que requer tempo para sentir tudo que nos passa, é rara nos tempos atuais, resgatar essa relação homem – natureza se faz necessário frente a tamanho distanciamento. Esta proposta de prática do performer na natureza, se dá a partir de treinamentos corporais, improvisação, criação até o vídeo, que apresentando as relações corpo – natureza, provoca ainda reflexões e questionamentos sobre nossa relação com questões ambientais atuais. O presente trabalho apresenta os primeiros passos de uma longa estrada, entre o descobrir, desbravar e criar.

**PALAVRAS-CHAVE:** natureza, *butoh*, experiência.

O presente artigo, busca em sua proposta, a discussão sobre a criação (prática) como método de pesquisa, a partir da criação e processo investigativo do *butoh*, onde o corpo na natureza – cerrado, se dispõe ser afetado pelos seus elementos, em busca de novas corporeidades, tensões, intenções, poéticas e estéticas, sendo que no processo de investigação e experiência surge o problema e possíveis conflitos a serem investigados.

Contextualizando a discussão, para melhor entendimento do leitor, destaco adiante a proposta do meu pré-projeto de mestrado. A presente proposta ora apresentada ao PPGAC/UFU ratifica a relevância da investigação técnica, criativa e poética a partir de reflexões acerca da relação vida, corpo, arte, cena e natureza. Essas perspectivas que justificam os contornos desse projeto me provocam a repensar e ressignificar essas relações e descobertas em minha prática artística, acadêmica e vida pessoal.

No mundo contemporâneo, vivemos em uma sociedade que nos provoca a viver em um ritmo acelerado, nos fazendo deixar de lado a experiência dos sentidos, emoções e relações. Experiência esta que, conforme aponta Jorge Larrosa:

requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza [...] (LARROSA, 2002, p. 24).

A arte, frente a pandemia da COVID-19, assim como em outras áreas da comunicação, se faz por meio dos acessos virtuais, provocando o distanciamento e a experiência entre público, arte e artista. Não há nessa perspectiva negação da evolução tecnológica e científica, porém, sinto o esfriamento e distanciamento das relações humanas, o que afeta a arte, e essencialmente as artes cênicas, que pressupõe como fruição o corpo como mediação.

Frente aos problemas socioambientais e o afastamento hoje assumido entre o homem e a natureza, surge o desejo de promover o reencontro, eliminando a lacuna existente. Dentro deste contexto, a arte além de ser levada ao público e exercer o papel estético e poético, pode assumir a função de veículo de sensibilização sobre os conflitos ambientais, pois traz intrinsecamente força crítica que sensibiliza e transforma o ser humano e, conseqüentemente, a sociedade e suas relações. Lucie Sauvè amplia essa perspectiva a propor que:

Na origem dos atuais problemas socioambientais existe essa lacuna fundamental entre o ser humano e a natureza, que é importante eliminar. É preciso reconstruir nosso sentimento de pertencer à natureza, a esse fluxo de vida de que participamos. (SAUVÉ, 2005, p. 317).

A partir dessa necessidade, de provocar a sociedade a revisitar a ambiência da natureza, como parte integrante de si, e que o performer pode estabelecer novos estímulos experienciando diferentes possibilidades em sua arte, justifico a proposta desta pesquisa. Propor ao performer, que alterne seus treinamentos, criações e poéticas artísticas das salas de ensaio, para a natureza - cerrado, com o foco na água, elemento simbólico de transformação e como propulsor de novas afetações para o corpo do artista.

Segundo Masaru Emoto (2007, p. 25), por sermos compostos de aproximadamente 70% de água, sofremos afetações de acordo com as informações<sup>1</sup> que recebemos. A proposta é romper-se com o tempo acelerado cotidiano, possibilitando ao artista experienciar a energia da natureza além da integração e afetação de um espaço infinito de vidas, cores, cheiros, sons, tatos e paladares que trarão outras dilatações, possibilidades e potencialidades para o treinamento, criação, poética e para cena.

Antonin Artaud (1993, p. 5) afirma que “é justo que de tempos em tempos se produzam cataclismos que nos incitem a retornar à natureza, isto é, o reencontrar a vida”. Se há um reencontro com a vida, conseqüentemente podemos despertar outras possibilidades na arte, e o ator/performer/dançarino, pode reagir a partir do novo espaço de experiência, proporcionando ao corpo e a cena, novas poéticas, tensões, intenções, forças, energias e dramaturgias. Apresentando ao público esta relação corpo natureza, o provocando conseqüentemente a reflexões e o sensibilizando sobre questões ambientais.

O *butoh*, dança que surge no final de 1950 no Japão, apresentado como *ankoku butô* por Tatsumi Hijikata, junto a Kazuo Ohno, e a companhia Taanteatro, fundada por Maura Baiocchi<sup>2</sup>, e Wolfgang Pannek<sup>3</sup> me trarão suporte e fundamento teórico/prático por meio das suas estéticas, poéticas, teorias e práticas do corpo do artista na natureza para materializar este projeto.

No *butoh*, podemos contemplar o diálogo e fluência do corpo do dançarino com a natureza, ou com seus elementos, onde é afetado com outras possibilidades de poéticas, tensões, intenções e movimentos. Sua origem está, segundo Baiocchi, (1995, p. 18) “em uma terra selvagem habitada por espíritos elementares, que a mente racional não pode alcançar”. E ainda que:

Os elementos básicos da vida - terra, fogo, ar, água, imagens da natureza como tempestade, vento, luz do sol, etc, eram usados para inspirar formas que iam sendo classificadas na tentativa de desenvolver um método e uma técnica coreográfica e diretiva. (BAIOCCHI, 1995, p. 33).

---

<sup>1</sup> O autor não se refere a “informação” como as informações que recebemos quando lemos jornal, ouvimos o rádio ou assistimos a TV. Ele se refere a “a fatores externos que afetam a mente e o corpo” [...] Assim, explica que usa o termo informação “para designar todos os fatores externos que afetam o corpo e a mente”. (Masaru 2007, p. 07-08).

<sup>2</sup> Encenadora, coreógrafa, diretora - fundadora da companhia Taanteatro (Teatro Coreográfico de Tensões). Pioneira da dança *butoh* no Brasil. Mestre em comunicação e semiótica pela PUC São Paulo,

<sup>3</sup> Co-diretor da companhia Taanteatro, diretor, dramaturgo, tradutor e produtor.

Baiocchi e Pannek, propõe através da companhia Taanteatro, a mudança dos locais cotidianamente utilizado em suas criações, como possibilidade de mudanças e ampliação da pentamusculatura<sup>4</sup> do ator e da libertação da mente, corpo e energia.

Junto ao trabalho ou treinamento fechado em um estúdio, é extremamente importante nos jogarmos na existência e na natureza por vocação, com todas as nossas musculaturas visíveis e invisíveis. Assim não só ganhamos tónus, mas a vida também e por tabela, o público. (BAIOCCHI, PANNEK, 2007, p. 142).

Em 2012, pela companhia Taanteatro, Maura Baiocchi estreia em DAN-devir-ancestral, um vídeo dança-performance no cerrado brasileiro. O que se contempla na poética, estética e nas tensões e intenções do corpo naqueles elementos da natureza no vídeo, me trouxeram provocações e inspirações, que em 2016, experimento no meu trabalho prático de conclusão no curso de especialização em Educação Ambiental com ênfase em Espaços Educativos Sustentáveis (UFT), intitulado “SER”. (Vídeo Performance como Sensibilização Ambiental). Disponível em [https://youtu.be/v72b7\\_PnHU8](https://youtu.be/v72b7_PnHU8).

Em 2018 já no livro Taanteatro: forças e formas, a companhia apresenta o conceito de Ecoformance, que vem de encontro com a proposta dessa pesquisa.

Este termo surge entre 2009 e 2010, no contexto da inauguração de um novo ciclo de criações da Taanteatro, destinado à investigação das tensões entre corpo, meio ambiente e ancestralidade [...] entre outras possibilidades, homenagear ou reafirmar a interconexão ser humano meio ambiente, alertar para a conscientização do impacto de certas ações humanas nocivas a esse meio e, conseqüentemente, ser um veículo de denúncia (BAIOCCHI; PANNEK, 2018, p. 90).

Assim, ratifico a relevância dessa proposta de pesquisa considerando pertinência em restabelecer as relações humanas e artísticas com a natureza, possibilitando ao performer outras potencialidades para o seu treinamento psicofísico, construção dramaturgica, criação e poética. Não obstante a arte para além das materialidades estéticas e poéticas, se fazendo como veículo de questionamentos, reflexões e sensibilização ambiental.

---

<sup>4</sup> Os autores revisitando o conceito pentamusculatura presente na teoria de kazuo Ohno: “Classificam-se como musculaturas elementos bastante heterogêneos, desde um objeto de cena até o absoluto, tendo todos em comum a relação com a cena e o mundo do performer, e o fato de formarem uma noção de corpo ampliada, expandida [...]” (BAIOCCHI E PANNEK, 2007, p. 63-65).

## A práxis - Despertar

A performance “Despertar – A força da criação”, foi inicialmente apresentada, na disciplina Pesquisa em Artes, no mestrado em Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, com o objetivo de apresentar o terceiro caminho de metodologia em pesquisa: a criação como método de pesquisa, como afirma Brad Haseman (2006) “que um novo paradigma para a pesquisa está chegando, um terceiro paradigma melhor compreendido como pesquisa performativa”.

Essa experiência surge a partir do desejo de experienciar o *butoh* e suas possibilidades da relação vida, corpo, afetos e arte na natureza - cerrado. Se contempla elementos indígenas e a ancestralidade em sua proposta estética e poética. Meu corpo revisita memórias e afetos em um espaço conhecido, porém antes não desbravado com a proposta de experienciar uma improvisação, (des)construção, investigação e processo de pesquisa. Lembrando que a experiência é a forma direta de um atravessamento que nos constitui como sujeitos.

Me recordo, que anteriormente à entrada no mestrado, resistia criar, apropriar da arte e cena dentro de um programa de pós-graduação. As referências de pesquisas (dissertações e teses) sobre *butoh* que visitei no meu percurso artístico, eram quase sempre teóricas, e quando uma prática era mencionada, não era o objeto principal de análise da pesquisa, não protagonizando a investigação. Essa resistência ou mesmo a falta de conhecimento de pesquisa com perfil voltado para a prática, me colocou em um lugar distante da academia, me fazendo acreditar, que a práxis artística por si, não seria escopo ou material suficiente para desenvolver uma pesquisa científica/artística.

Certo dia, em meio a andanças e diálogos com um amigo, fui provocado e incentivado por ele a buscar um mestrado. Sugeri que eu escrevesse minha proposta de pesquisa a partir das minhas práticas já experienciadas, em busca de novos caminhos e possibilidades, afirmando que minhas criações artísticas tinham potencial e espaço sim dentro da academia. Foi quando me desafiei e me propus encarar novamente a universidade, acreditando que eu poderia sim desenvolver uma pesquisa, no qual a prática e a experiência, seriam meu ponto de partida. Nesse momento de escrever o projeto e apresentá-lo ao programa de mestrado, desconstruo minhas crenças e assumo a prática como início de uma investigação e pesquisa.

Projeto aprovado, ingresso no mestrado da Universidade Federal de Uberlândia, conheço alguns professores, tenho os primeiros encontros e diálogos com minha orientadora e acesso diversos textos nas disciplinas. Reconheço então, que minha trajetória com a prática estaria em um caminho próspero. Assim, outros *starts* foram se configurando como campo de possibilidades potentes a partir da experiência.

Acolhido, incentivado e provocado pela minha orientadora Ana Wuo, que me propôs leituras e diálogos que sustentava minha proposta como método de pesquisa e pelos professores Mario Piragibe e Renata Meira, que sempre compartilharam conceitos, textos e práticas que a criação era primeira e a escrita subsequente, realmente mergulhei no meu projeto, me encorajando e dedicando ainda mais ao que propus, partindo para a práxis.

A proposta do vídeo “Despertar – A força da criação” disponível [https://youtu.be/iWgJelz\\_-\\_Q](https://youtu.be/iWgJelz_-_Q), surge a partir de uma atividade avaliativa da disciplina Pesquisa em Artes. A atividade proposta foi um antisseminário no formato remoto. Assumo neste instante e apropriado dessa proposta, desconstruindo o formato convencional de um seminário, onde slide e discurso sobre o conteúdo, foram substituídos por um vídeo performance, onde na poética e estética das imagens e da dança, surgem citações dos textos estudados para o seminário, apresentando os principais conceitos sobre criação e experiência como método de pesquisa.

O antisseminário foi dividido em dois momentos: o anti, onde eu apresentei o vídeo para contemplação e apreciação da turma e o seminário, onde minha companheira de trabalho levantou questionamentos sobre o tema, desconstruindo também o formato de esclarecimentos e reprodução das teorias e conceitos lidos, apresentando para turma, perguntas e reflexões sobre esse método ainda tão pouco utilizado no Brasil, considerando que em outros países, o espetáculo, dança ou performance é o objeto de pesquisa e a própria dissertação.

Medo...

Insegurança...

Desconstrução ...

Liberdade...

Força...

Sentidos...

Criação...

Afeto...

Memória...

Despertar...

Experiência!

A vida nos ensina que vivendo e passando pela experiência é que se aprende e segundo Ciane Fernandes (2014 apud Confucius, 551 a.C. – 479) cita “O que eu ouço, eu esqueço. O que eu vejo, eu lembro. O que eu faço, eu entendo”.

Por que seria diferente nesse instante, onde a arte em si, propõe experiências, aprendizados, reflexões nos proporcionando entendimento e compreensões, sobre a vida e o mundo onde habitamos. As teorias ou textos, nos levam a lugares e experiências distintas, assim como a prática, a criação e a cena nos levam a experienciar outros lugares e saberes. Ela toca lugares diferentes, constrói diversos questionamentos e reflexões sobre a vida, nossos afetos e os espaços e sociedade que vivemos, por caminhos diferentes, porém, não menos importantes.

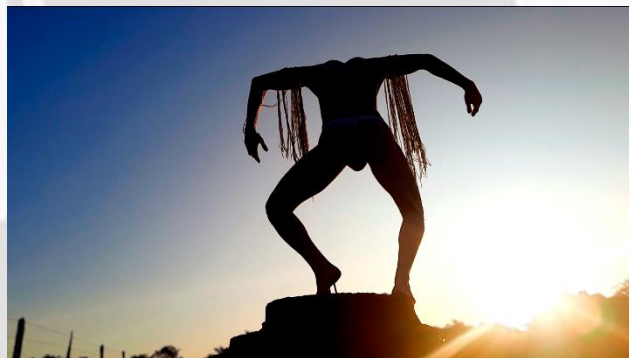
A experiência desse vídeo, apresenta...



O branco corpo, pronto para receber novas possibilidades e cores...



Grita com o corpo o cansaço cotidiano.



Se equilibrar, se contrair e relaxar na melodia dos ventos e dos cantos dos pássaros.



Tocar a terra e deixar ela penetrar nos poros sendo a inspiração e expiração.



O azul do céu inspirar a fluência dos movimentos propondo formas fora do padrão, mas carregados de sentimentos, emoções, sentidos...



O vermelho, sangue vivo em memória daqueles injustiçados que se foram.



A vestimenta desnuda assumindo a força e pureza do corpo que por si já veste a alma.



No despertar deixar o corpo expressar, em um espaço sem julgamentos.



Uma liberdade de sentir-se como um pássaro quando se abre a gaiola e ele descobre a imensidão dos céus.

O limite não existe senão quando colocado por nós mesmos, temos o direito de voar, se expressar, se expandir, ir por onde desejamos, até nós mesmos descobrirmos a hora de mudar a direção. Foi com essa experiência, que compreendo o terceiro caminho da pesquisa em artes.

Após a apreciação do vídeo pela turma do curso, foi sugerido que cada um deixasse a sua impressão sobre o vídeo em uma frase, verso ou palavra. E o resultado foi um poema, organizado na ordem que foi enviado, sendo conservado o formato em que cada um enviou, valorizando a autenticidade expressiva de cada um, que quando unificado, nos apresenta um poema, utilizando da experiência de cada um para a construção coletiva do que será apreciado a seguir:

conceitos corporificados

Pensar com a emoção

Corpo-Texto

Dançando referências

DO SOLO BROTA, A FORÇA IN NATURA, BUSCA O VENTO E CRIA A  
FORMA.

O artista e os seus pontos de conflitos

um alien no cerrado

Visceralidade e vulnerabilidade na experiência, permissão para sentir.

Pontos de partida, começar e recomeçar

cartografia de corpo e movimento

corpo como campo de pesquisa. corpo - espaço que provoca e é provocado.

Campo de reverberação.

corpo mapa

continuum

antropofagia, do que se alimentar?

O que sinto e levo a partir desse processo, que se inicia com inseguranças e resistências, mas que em curto prazo começa a tomar forma e me dar forças e ferramentas para concluir, é que nenhum resultado se é possível sem a experiência e prática daquilo que se descreve, toda teoria organizada, foi antes pensada e experienciada. Assim sigo, repleto de inspirações e motivações para criar, experienciar, sabendo hoje a relevância desse *novo* método de pesquisa. E que minha pesquisa poderá servir de experiências e motivação para aqueles que acreditam na arte e criação como princípio de uma investigação acadêmica.

#### **Referências:**

- ARTAUD, Antonin. **O Teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAIOCCHI, Maura. **Butoh-Dança Veredas D'Alma**. São Paulo: Palas Athena, 1995.
- BAIOCCHI, Maura; PANNEK, Wolfgang. **Taanteatro - Teatro Coreográfico de Tensões**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.
- BAIOCCHI, Maura; PANNEK, Wolfgang. **Taanteatro: [Des]construção e Esquizopresença**. São Paulo: Transcultura, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Taanteatro: Forças e Formas**. São Paulo: Transcultura, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Taanteatro: MAE – Mandala de Energia Corporal**. São Paulo: Transcultura, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Taanteatro – Rito de Passagem**. São Paulo: Transcultura, 2011.
- BURNIER, Luis Otávio. **A Arte de Ator – da Técnica à Representação**. Campinas: Unicamp, 2009.
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, nº19. Campinas: Autores Associados, 2002

CAPRA, Fritjot. **A Teia da Vida: Uma Nova Compreensão Científica Dos Sistemas Vivos**. São Paulo: Cultrix, 2012.

COHEN, Renato. Performance como linguagem. São Paulo: Perspectiva, 2013.

EMOTO, Masaru. **O verdadeiro poder da água**. São Paulo: Cultrix, 2007.

FERNANDES, Ciane. **A Prática como Pesquisa e a Abordagem Somático – Performativa**. VIII Congresso da ABRACE – Belo Horizonte – UFMG – 2004. Salvador.

GROTOWSKI, Jerzy. **Em busca de um teatro pobre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

\_\_\_\_\_. **O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski – 1959 – 1969**. São Paulo. Sesc; Perspectiva, 2010.

HASEMAN, Brad. **Resumos do Seminário de Pesquisa em Andamento PPGAC/USP**. ECA-USP. v. 3.1, p. 41. São Paulo, 2015.

LABAN, Rudolf. **O domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a12v31n2.pdf>>. Acesso em 15/07/2021.

SOUSA, Otávio; FERRACINE, Renato. **Por uma investigação em Artes Cênicas: um caminho cartográfico possível**. Florianópolis: Urdimento, 2019.

#### **Produção audiovisual:**

SANQUETA, Diogo. **Despertar – A força da criação**. Araguari: 2022. Disponível na versão apresentada na disciplina do mestrado em: [https://youtu.be/iWgJelz\\_-\\_Q](https://youtu.be/iWgJelz_-_Q) e versão com título e referências corrigidas em: <https://youtu.be/w6mfP72pqcQ>.